

Parte integrante de A Semana nº 677, 3 de Setembro de 2004 - Não pode ser vendido separadamente

80 anos Cabral

*Para
Além
do
Mito*



“Pensar o mundo com as nossas próprias cabeças”



É já na próxima semana, entre os dias 9 e 12, que tem lugar, na Cidade da Praia, o Simpósio Internacional Amílcar Cabral. Destinado a assinalar os 80 anos do nascimento dessa importante figura da história contemporânea de África, o encontro tem como lema uma ideia cara ao seu patrono, **“Pensar o mundo com as nossas próprias cabeças”**. E, para o efeito, são esperados mais de 200 participantes nacionais e estrangeiros, personalidades e especialistas dos vários ramos do saber, para discutir a actualidade do pensamento daquele que é considerado o pai das independências da Guiné e Cabo Verde.

O simpósio da próxima semana é o segundo do género, se se tiver em conta o primeiro realizado em Janeiro de 1983, feito também na Praia por ocasião do décimo aniversário da morte de Amílcar Cabral. Na altura Cabo Verde estava no oitavo ano da sua independência, prosseguindo os primeiros passos da sua afirmação nacional, iniciados a 5 de Julho de 1975. Outro facto não menos relevante à época é que o simpósio tinha também lugar dois anos depois do golpe de Estado que na Guiné depusera o ex-presidente Luís Cabral, pondo igualmente termo ao projecto não menos caro a Amílcar Cabral, o da unidade política entre os dois países.

Por isso, volvidos 21 anos do primeiro simpósio e 31 da morte do seu patrono, Amílcar Cabral, o encontro da próxima semana tem lugar num outro contexto político e internacional. A começar Cabo Verde e a Guiné somam hoje mais anos de independência a seu favor, ambos vivem actualmente em regime de democracia representativa e, apesar do muito que se conseguiu, continuam a braços com novos problemas e desafios para o seu desenvolvimento, à semelhança, aliás, do que acontece em todo o continente. No campo internacional, com a queda do muro de Berlim e o desmantelamento da URSS, o mundo vive hoje sob o manto da globalização, tendo à testa os EUA.

Portanto, são inúmeros os problemas que servem de inspiração aos estudiosos e observadores da vida africana e internacional, em especial da cabo-verdiana e guineense, duas realidades por cuja transformação homens como Amílcar Cabral lutaram e deram a vida, o que justifica perfeitamente o fórum da próxima semana.

Pensador da emancipação africana, Cabral via no acto da libertação a **“reentrada”** ou o **“reencontro”** dos povos colonizados com a História. **“Neste aspecto”**, diz a organização do simpósio, **“Amílcar Cabral valorizou, mais do que muitos dos seus contemporâneos, a necessidade imperiosa da independência de pensamento, talvez a primeira e a origem de todas as demais independências. Inversamente, deplorou a renúncia ao ideário do pensamento próprio, crí-**

tico e analítico, por constituir uma das fontes de dominação e de manipulação. ‘Pensar pelas nossas próprias cabeças, a partir das nossas próprias experiências’, **foi para Amílcar Cabral um princípio do qual todo o processo libertador decorre**”. Em suma, além de viver intensamente a sua época, Cabral projectou-se para além dela, mantendo-se muito do seu pensamento actual, mormente nos dias de hoje em que no contexto da globalização os povos africanos procuram o seu espaço de afirmação colectiva.

Portanto, é sob o signo do legado do fundador do PAIGC que o simpósio da próxima semana decorre na Praia, em alusão aos 80 anos do seu nascimento. Pois, decorridos mais de 40 anos da independência da maior parte dos países do continente, os africanos podem hoje, mais do que nunca, reflectir sobre o papel de homens como Cabral, ver onde os seus países foram bem sucedidos e localizar os pontos em que falharam redondamente. Tudo isso à luz da sua própria experiência.

O encontro da próxima semana tem tudo para ser, enfim, um grande momento de debate e reflexão acerca dos desafios que se colocam a Cabo Verde, à África ou mesmo ao mundo no seu todo. A origem plural e pluridisciplinar dos seus participantes é, à partida, a garantia de uma discussão aberta e descomplexada sobre os temas que ocuparão a agenda do simpósio.

Entre as várias personalidades presentes ao encontro da próxima semana salientam-se o ex-presidente português, Mário Soares, e o ex-diretor-geral da Unesco, o senegalês Mahtar M’Bow, os dois primeiros grandes conferencistas que vão falar de **“Cabral: o homem e os desafios actuais da África”**. Uma outra estrela do encontro é o sociólogo guineense Carlos Lopes, discípulo do angolano Mário Pinto de Andrade e actualmente representante do PNUD em Brasília, que na tarde do mesmo dia vai intervir no painel **“História, cultura e identidade”**.

Com este suplemento **A Semana** espera pôr à disposição dos seus leitores um vasto material de leitura e de divulgação, contribuindo assim para um melhor conhecimento do papel dessa figura crucial para a história da Guiné e Cabo Verde.

Mais do que um mito, Amílcar Cabral é, para nós, o símbolo de uma geração que, desafiando tudo e todos, se lançou à conquista da independência, tendo como meta suprema acabar com a miséria, a vida sem perspectiva a que os cabo-verdianos e os guineenses estavam condenados até então.

Esta é, em suma, a homenagem deste jornal a este **“simples africano”** que, com o seu esforço, tentou de todas as formas saldar a sua dívida para com o seu povo. Bem haja Amílcar Cabral no 80º aniversário do seu nascimento.



O Simpósio Internacional Amílcar Cabral começa na próxima quinta-feira, 09, e termina no dia 12 (domingo), decorrendo sob três painéis - História, Cultura e Identidade; Construção do Estado; e Desenvolvimento Económico e Integração Regional. A abertura será presidida pelo chefe de Estado, Pedro Pires, e o encerramento pelo primeiro-ministro, José Maria Neves.

UM SIMPÓSIO EM TRÊS PAINÉIS

As cerimónias de abertura e de encerramento do Simpósio Amílcar Cabral, abertas ao público, decorrerão no Palácio da Assembleia Nacional, já as sessões de trabalho vão acontecer na sala de conferências do Hotel Praia-Mar. As conferências são, no entanto, restritas a convidados ou aos interessados que se inscreverem previamente.

De acordo com a programação do simpósio (ver última página deste suplemento), o encontro tem o seu início às 9 horas de quinta-feira com a cerimónia da abertura, em que discursarão o presidente da Fundação Amílcar Cabral, Aristides Pereira, o presidente da CMP, Felisberto Vieira, e, por fim, o chefe de Estado, Pedro Pires.

Posto isto, o simpósio tem o seu arran-

que propriamente dito com as intervenções de Mário Soares, ex-presidente da República de Portugal, e de Amadou Mahtar M'Bow, ex-director-geral da Unesco, que vão dissertar sobre o tema "**Cabral: o homem e os desafios actuais da África**". A tarde de quinta-feira será preenchida com uma outra grande conferência, desta feita, a cargo do sociólogo guineense Carlos Lopes, actualmente chefe do PNUD no Brasil, no painel "**História, cultura e identidade**".

O segundo dia, sexta-feira, dedicado à construção do Estado, a grande conferência estará a cargo de George N.Ntalaja, para sábado ser a vez de Samir Amin dissertar sobre o desenvolvimento económico e integração regional. Este deverá ser um dos painéis

mais animados do simpósio, pois, além de Amin, a mesa dessa sessão será constituída pelo presidente Joaquim Chissano e pelo ex-primeiro-ministro, Gualberto do Rosário. Para a tarde de sábado está igualmente prevista uma mesa-redonda especial que terá como tema "**Cabral e o projecto panafricano hoje**".

E no domingo, último dia do simpósio, o presidente da Comissão Científica, Cláudio Furtado, fará a grande conferência síntese do encontro, apontando as perspectivas de acção e de investigação. Posto isto, caberá ao primeiro-ministro, José Maria Neves, proceder ao encerramento do encontro, num acto que está agendado para o período da manhã.

Além das grandes conferências haverá várias outras comunicações. Ao que **A Semana** apurou são já inúmeros os inscritos que pretendem apresentar intervenções sobre os mais variados assuntos dentro dos três painéis previstos pelo simpósio. Além de conferencistas estrangeiros, são também vários os investigadores e políticos nacionais que pretendem aproveitar a oportunidade para dissertar sobre os temas do seu interesse. Onésimo Silveira, por exemplo, vai apresentar uma dissertação à volta de Amílcar Cabral e do nativismo, e promete agitar as águas, como é do seu timbre. Carlos Veiga também já confirmou a sua presença no painel dois (a construção do Estado).

Noite de gala para CABRAL

A par de conferências e palestras, o Simpósio Amílcar Cabral vai ser preenchido com uma programação cultural e recreativa, da qual fazem parte uma noite de gala, uma exposição de pintura, lançamentos de livros, passeios à Cidade Velha etc. Mas as expectativas centram-se, sobretudo, no espectáculo musical da noite de 11.

Além de conferências e comunicações, os participantes e o público do Simpósio Internacional Amílcar Cabral vão ter música, através de um espectáculo denominado "**O cântico da libertação**". Segundo António Lima, "**a ideia da organização é contar o pensamento de Amílcar Cabral através da música**".

Marcado para as 21h 15, no anfiteatro da Assembleia Nacional, o espectáculo durará cerca de uma hora e meia. É a resistência cultural expressa em composições como "**Fomi 47**", "**Santo milagroso**", "**Sina de Cabo Verde**", ou ainda o desejo de Amílcar Cabral em fazer de Cabo Verde um outro país,

expresso através de "**Doce guerra**", "**Cabral ka more**" ou ainda "**Amílcar Cabral**", fazem parte do espectáculo que terá dois narradores: Kaká Barbosa e Vera Duarte. Os intérpretes da noite são, entre outros, Albertino, Teresinha, Ildo Lobo, Toni Lima, Guto Pires, Dani, Princezito, Vadu e Mayra.

EXPOSIÇÕES E LIVROS

Além de música, a agenda cultural do simpósio conta também com uma exposição de pinturas de Amândio Oliveira, Nelson Lobo e Péricles Barros. A amostra estará exposta no saguão do Palácio da AN e também no espaço em que irão decorrer as conferências, no Hotel Praia-Mar.

No tocante a livros, também estão previstos alguns lançamentos por esta ocasião. Antes mesmo do início do evento, com a chancela da Alfa-Comunicações, o historiador Daniel A. Pereira lança no dia 6, segunda-feira,

no salão de banquetes da AN, às 18h 30, a segunda edição do seu primeiro livro "**A situação da ilha de Santiago no 1º quartel do século XVIII**", publicado há 20 anos e que há muito se encontrava esgotado.

No dia 10, sexta-feira, também por volta das 18h30, desta feita na sala de conferências do Praia-Mar, será a vez do jornalista José Vicente Lopes dar à estampa o seu mais novo título, "**A explicação do mundo**", uma recolha de entrevistas com personalidades cabo-verdianas, portuguesas e uma brasileira, pela Spleen Edições. Mário Soares, Almeida Santos, Eduardo Lourenço, Vitorino Magalhães Godinho (Portugal), Pedro Pires, Onésimo Silveira, José Leitão da Graça, António Mascarenhas (Cabo Verde) e Reinaldo Gonçalves (Brasil) são alguns dos entrevistados de JVL, girando esses encontros em torno de questões sobre a descolonização, política, cultura, economia, etc.

Por esta altura estava igualmente previs-

to, pela Spleen, o lançamento de uma biografia de Amílcar Cabral, da autoria do angolano António Tomás, mas, por razões que ultrapassam essa editora, o referido trabalho ficou para uma outra altura. Segundo a Spleen, esforços vêm sendo feitos para que o livro de Tomás seja lançado ainda este ano, inaugurando assim um novo género literário em Cabo Verde, o da biografia. Entretanto, os leitores podem dar uma espreitadela ao livro através da publicação dos seus dois primeiros capítulos nas páginas 8/11 deste suplemento.

Ainda em matéria de livros, durante o simpósio vai decorrer no antigo restaurante da Pousada Praia-Mar uma exposição-venda de obras de autores africanos. Nesse espaço acontecerá também uma exposição-venda de artesanato cabo-verdiano. Já na Biblioteca Nacional, integrada na programação do simpósio, está também prevista uma exposição de livros sobre e de Amílcar Cabral.



80 ANOS DE AMÍLCAR CABRAL



JOAQUIM CHISSANO



MÁRIO SOARES



AHMED BEN BELLA



AHMADOU MATHAR M'BOW



SAMIR AMIN



JEAN ZIEGLER



LARS RUDEBECK



JOHN FOBANJONG

Quem é quem

A cidade da Praia deve conhecer na próxima semana uma badalação fora do comum. São esperados mais de 80 convidados estrangeiros que irão participar no **Simpósio Internacional Amílcar Cabral**, dedicado aos 80 anos do nascimento dessa figura da história de Cabo Verde e da Guiné.

Alguns dos convidados estrangeiros são já velhos conhecidos dos cabo-verdianos, outros nem por isso. Joaquim Chissano (Moçambique), Mário Soares (Portugal), Ahmed Ben Bella (Argélia), Ahmadou Mathar M'Bow (Senegal), Samir Amin (Egipto), Jean Ziegler (Suíça), Lars Rudebeck (Suécia) e John Fobanjong (EUA) estão entre as várias personalidades estrangeiras que responderam à chamada de homenagem a Amílcar Cabral. Alguns foram participantes do Simpósio de 1981, casos de Ziegler -, uma figura controversa e polémica no seu país, dado o modo como tem denunciado a hipocrisia do capitalismo suíço; outro *habitué* é Rudebeck, académico e velho estudioso da obra de Cabral e da história da Guiné-Bissau, de que é um profundo conhecedor, com vários livros publicados.

Entre os citados há casos de amizade pessoal e outros de pura admiração e respeito pela obra realizada pelo fundador do PAIGC. É o caso de Ahmed Ben Bella,

presidente da Argélia nos primeiros anos da independência. Bella, reza a história, foi um dos primeiros chefes de Estado africanos a confiar plenamente em Cabral, apoiando material e financeiramente o PAIGC na sua luta. Tinham uma relação de tal modo pessoal que o estadista argelino estava sempre disponível para receber Cabral nas suas passagens por Argel.

A capital argelina, note-se, era nos anos 60 do século passado um importante centro político de África. Além dos apoios que dava aos movimentos de libertação africanos, a Argélia recebeu também antifascistas de Portugal e de Espanha. Foi em Argel que Cabral conheceu, por exemplo, o poeta e político Manuel Alegre. Em Argel estavam também exilados Piteira Santos e vários outros políticos portugueses que anos mais tarde, com Mário Soares, haveriam de fundar o Partido Socialista.

Por isso, quando em 1965 o coronel Houari Boumedienne destituiu Ben Bella através de um golpe de Estado, Amílcar Cabral ressentiu-se profundamente disso. A muito custo Abílio Duarte, que era o representante do PAIGC na capital argelina, conseguiu fazer a ponte entre Cabral e o novo homem forte de Argel.

Preso e exilado durante anos em França, Ben Bella pôde regressar ao seu país depois da abertura política,

tendo retomado a actividade política. Esta é, seguramente, a primeira vez que se desloca a Cabo Verde, sendo assim uma oportunidade de os cabo-verdianos retribuírem a este homem o seu apoio à independência de Cabo Verde.

Além de Ben Bella, Joaquim Chissano e Mário Soares estarão igualmente na próxima semana na Praia variadíssimas outras personalidades estrangeiras, algumas das quais figuras respeitadas no mundo académico e até político dos respectivos países e não só. É o caso, por exemplo, do egípcio Samir Amin. Economista de renome, Amin destacou-se nos anos 60 e 70, numa altura em que a intelectualidade africana procurava uma visão própria para os problemas do continente. Professor da Universidade de Dacar, ele é um dos fundadores do Codersia, um centro de investigação de todo o continente.

Como é evidente, não sendo todos os dias que Cabo Verde tem no seu solo tão importantes personalidades, o Simpósio tem tudo para ser um espaço raro de saber e conhecimento. Daí que quem puder não deve deixar passar a oportunidade de ouvir o que todos estes "sages" têm a dizer não só sobre Amílcar Cabral, como também sobre os vários outros temas que irão animar o encontro.

“João Paulo II” com Cabral



“JOVENS DA ASSOCIAÇÃO JOÃO PAULO II EM ACTIVIDADE PARA CONHECER CABRAL”

Conhecida como uma associação de jovens com carácter religioso, a João Paulo II decidiu investir fora desse âmbito. Prova disso é a sua participação activa em iniciativas do Comité de Luta contra a Sida ou a aposta na luta contra o tabagismo e a toxicod dependência. Agora a associação investe, também, em Amílcar Cabral.

A Associação João Paulo II é um dos parceiros da Fundação Amílcar Cabral na organização do Simpósio que se realiza na próxima semana, dedicado à figura do fundador do PAIGC. Mas, mais do que participar na organização do evento, a João Paulo II decidiu aproveitar a oportunidade para levar a juventude a conhecer mais essa personalidade cuja acção e ideias são reconhecidas internacionalmente.

“Fomos convidados para fazer parte da organização, mas decidimos avançar com actividades extras”, diz Isabel Monteiro, da João Paulo II. Actividades que visam, ainda segundo a nossa entrevistada, “fazer uma ponte entre o simpósio e os jovens”, para que a actividade não se limite a um grupo de técnicos e intelectuais de renome internacional.

Essa participação visa, ainda, mostrar que os jovens se interessam e que devem interessar-se por questões que têm a ver com a história e a realidade quotidiana,

para além de dar visibilidade “a uma juventude patriota e defensora de valores”.

Uma das formas de atingir esses objectivos foi a estruturação de duas actividades, sendo uma delas um programa radiofónico sobre a vida e obra de Amílcar Cabral. A outra foi um concurso voltado para jovens da Praia e resultado de uma parceria entre a associação, a Fundação Amílcar Cabral e a Direcção-Geral da Juventude, que decorreu no fim-de-semana passado.

Ultrapassada essa fase de sensibilização dos jovens para o pensamento de Cabral e para temas importantes que dizem respeito a Cabo Verde, a meta agora é o simpósio em si. “Vamos estar presentes com um grupo de dez jovens e estamos a pensar apresentar uma comunicação”, diz Isabel Monteiro.

Quanto às suas expectativas em relação a esse evento, Monteiro acredita que este simpósio vai estar “voltado para a estruturação de ideias que possam contribuir para o desenvolvimento de Cabo Verde”. E, por isso, deixa entender, o lema do encontro, “Pensar com as nossas próprias cabeças”, diz tudo. Daí esperar que esse “objectivo maior” de trazer novas ideias para debate “seja conseguido, em prol do desenvolvimento de Cabo Verde”.



As comunicações

ANALISAS

VERA DUARTE: "A análise do pensamento de Amílcar Cabral revela-nos o quanto ele foi pioneiro, esteve em sintonia e, muitas vezes, ultrapassou as posições mais modernas sobre o estatuto da mulher". Diz a proponente que "reveste-se de capital importância analisar o papel que a promoção da mulher pode e deve ter no processo de desenvolvimento do País".

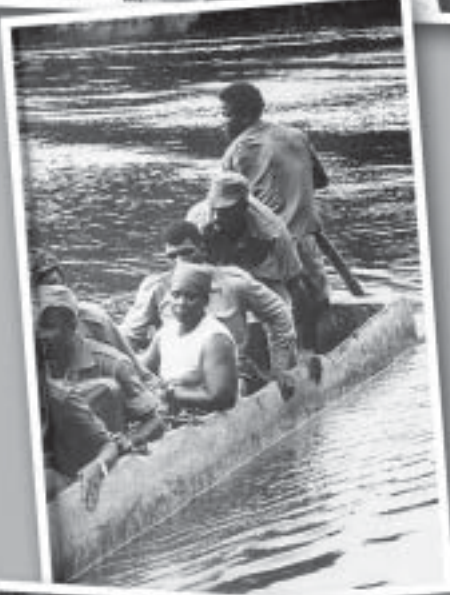
MANUEL BRITO SEMEDO: Análisa a construção da identidade cabo-verdiana em três fases. A que, na geração de Eugénio Tavares, despertou um sentimento de nativismo; a que na geração de Baltasar Lopes despertou a consciência regionalista; e a que na geração de Amílcar Cabral desencadeou a consciência da Nação e a afirmação nacionalista.

CORSINO TOLENTINO: Discute "o declínio do significado e da função do Estado-Nação provocado pelo ritmo acelerado da mundialização". Reafirma que "as identidades reconstróem-se no Estado-Nação e constituem factor determinante de sobrevivência e desenvolvimento". Diz ainda o proponente que "nesse processo... O sistema educativo, capaz de integrar os meios fornecidos pela revolução electrónica e da informação, tem funções insubstituíveis".

ARCÍLIA BARRETO: No primeiro capítulo "procura trazer aos participantes os resultados mais visíveis da actualidade dos processos de desenvolvimento dos países africanos". Seguidamente, aborda os aspectos e forças mais significativas da Economia Mundial. Num terceiro momento, fala de "como os processos de Afirmação/Emancipação dos povos do continente se ajustam às mudanças das políticas mundiais dominantes". Finalmente, debruça-se sobre "a busca do renascimento africano".

CÉSAR MONTEIRO: Na abordagem da temática sobre História, Cultura e Identidade, apresenta "uma abordagem sociológica e sistémica (da questão) partindo dos conceitos básicos e dinâmicos de cultura, aculturação, transculturação e identidade, tão caros a Amílcar Cabral". Fala ainda dos "principais impactos da globalização em Cabo Verde". Diz que "a comunicação centrar-se-á, fundamentalmente, sobre os reflexos do processo de globalização sobre a identidade". Aborda ainda "a natureza mutável da identidade caboverdiana, na perspectiva de Cabral". Questiona "que identidade e que cultura, à luz da modernidade".

MANUEL VEIGA: Aborda quatro aspectos da comunicação sobre Amílcar Cabral e a Interculturalidade. Num primeiro momento, procura fazer uma leitura do conceito interculturalidade. Seguidamente, tenta descobrir a ponte que existe ou que possa existir entre a interculturalidade e a globalização. Num terceiro momento, centra o trabalho na procura e na análise da interculturalidade em Amílcar Cabral. Finalmente, aponta alguns caminhos para a promoção da interculturalidade em Cabo Verde.



HAMILTON RUSSEL: Propõe "uma tese formulada em torno do conceito dum legado estético-cultural e sócio-ideológico de identidade pessoal e colectiva em poemas individuais escritos por Amílcar Cabral". E chega à conclusão que "vários dos poemas de Amílcar Cabral hoje constituem um valioso legado estético-cultural e sócio-histórico de índole nacional, internacional e universal".

CARLOS SERRANO: Propõe "reflectir sobre (a) geração de intelectuais africanos de língua portuguesa que iniciaram um processo que conduziria às independências desses países". Escolhe o "encontro" entre Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade e Viriato Cruz para melhor compreender a relação importante desta geração na História recente. Diz que "o nacionalismo cabo-verdiano emergiu como movimento associado à luta pela cultura". Considera que "o nacionalismo cabo-verdiano dotou o vocábulo cultura de um inequívoco sentido antropológico". Afirma que "no último quartel do século XIX e primeira metade do século XX, os núcleos intelectuais, enquanto gestores culturais, desempenharam um papel de primeira grandeza na formação da identidade cultural". Centra "a comunicação num problema essencial que diz respeito à interdependência entre a luta de libertação nacional e a cultura". Fala da "cultura como elemento essencial da história de um povo". Considera a "luta de libertação nacional como a expressão política organizada da cultura". Termina com a tese segundo a qual "nenhuma cultura é um produto acabado".

CARLOS LOPES: A sua comunicação "confronta os grandes temas debatidos pelas ciências sociais em África, com os conceitos desenvolvidos por Amílcar Cabral". Aborda "o papel da pequena burguesia e o seu possível suicídio enquanto classe; a construção da Nação e os fundamentos do nacionalismo africano; a ausência de ideologia por parte das elites africanas". O pensamento de Cabral é comparado com o de Frantz Fanon e o de Antónino Gramsci que o influenciaram.

THIERNO BAH: Afirma - "para esclarecer a problemática da relação pertinente entre História, consciência e engajamento político, utilizo prioritariamente um corpus de obras publicadas por três figuras de proa da luta pela libertação da África: Amílcar Cabral, K. Nkrumah e F. Fanon. Eu tentarei, à luz das obras citadas, levar elementos de resposta a algumas interrogações... Qual o papel da história nas teorias de libertação nacional? Qual o lugar da história na construção da consciência colectiva? Que materiais o historiador pode encontrar nessas diferentes obras? Que visões tiveram esses autores para África?"

ELÍSIO: "Propõe uma reflexão crítica sobre a natureza do Estado moderno africano. Constituem eixos centrais dessa reflexão, primeiro uma caracterização histórica do seu devir, segundo a identificação das suas características essenciais e, terceiro, a discussão de dois conceitos que se afiguram importantes para uma reconceptualização da sua natureza no contexto actual da mundialização, nomeadamente a soberania e a autonomia individual".

MARIA PAULA MENESES: Usando como base a construção teórica da 'invenção da tradição', pretende-se problematizar criticamente a construção do conceito de 'autoridade tradicional'. Pretende-se ainda "avaliar os limites e as possibilidades de 'reivenção' do Estado, em função das condições sociais e políticas presentes em Moçambique".

FRANCINE VIEIRA: Afirma que "a cultura transformou-se num negócio de Estado". Segundo ela, "o fundador do PAIGC deu um papel essencial à cultura na organização da emancipação dos povos, operando reflexões e conduzindo sua acção política rumo a africanização dos espíritos, tanto pela resistência à cultura estrangeira dominante como pela rejeição de certos valores tradicionais africanos, contrários a edificação da África tradicionais". Diz a autora que "como outras comunidades tradicionais de África e de outros continentes, os cabo-verdianos parecem inscrever-se numa lógica pós-nacional onde a identidade cultural não está mais em adequação com a nacionalidade e o território".

AMADY ALY DIENG: Um conhecedor das teoria de Amílcar Cabral, a sua comunicação trata do "aporte de Cabral ao conhecimento dos problemas africanos".

ALEXIS WICK: Aborda a teoria de Cabral sobre diversos ângulos. Segundo ele, "o Estado deverá emanar da realidade concreta do país. Ele deverá ser construído a partir da base social e não do Topo institucional" Afirma que "a grande contradição que emerge do pensamento de Cabral... é a sua fidelidade ao centralismo do Estado".

ESTRANGEREIROS



M E N S A

JORGE SAMPAIO, Presidente da República portuguesa



“... É com satisfação que aceito o convite que me foi dirigido para integrar a Comissão de Honra” do Simpósio Internacional Amílcar Cabral. “Estou certo que aquele Simpósio Internacional constituirá uma interessante oportunidade para debater temas com inegável actualidade e da maior importância para o futuro não apenas de Cabo Verde e da sub-região em que está iserido, mas de todo o continente africano”.

“De facto, é universalmente reconhecido que o continente africano enfrenta, neste tempo de mudanças profundas, problemas e desafios singulares que, pela sua natureza e complexidade, exigem soluções específicas, imaginativas e corajosas. Questões como a globalização, a integração regional, os princípios orientadores da NEPAD e o desenvolvimento sustentado de África merecem um debate sério e aprofundado e julgo que este Simpósio Internacional dará seguramente um importante contributo para essa reflexão”.

ANTÓNIO ALMEIDA SANTOS, Secretário-Geral Interino do PS português

Querido amigo, Pedro Pires,



“Agradeço o seu amável convite para participar no Simpósio de 12 de Setembro, de homenagem à memória do grande líder africano Amílcar Cabral. Claro que aceito o convite com todo o entusiasmo. Aguardo que, oportunamente, me envie o programa e me diga que participação espera de mim.

Terei muito gosto em participar na cerimónia de abertura, ou em qualquer outro momento, com uma intervenção pessoal. Dirá qual o tema que gostaria que eu versasse e o mais que de mim espera”.

ANTÓNIO RAMALHO EANES, Ex-presidente da República portuguesa

“Como tive, já, ocasião de dizer, pessoalmente, a V. Exma, pode contar com a minha disponibilidade e interesse em contribuir, na medida das minhas possibilidades, para que este evento comemorativo dos 80



anos de nascimento de Amílcar Cabral possa ter o relevo e efeitos que a organização pretende alcançar. Tanto mais porque Amílcar Cabral, pertença comum das duas culturas, a cabo-verdiana e a portuguesa, representa um marco incontornável na história dos dois países, e uma referência inspiradora que permita às diferentes culturas e países africanos definir estratégias para o futuro.

AHMADOU MATHAR M'BOU

Caríssimo amigo, Pedro Pires



“Eu gostaria de vos felicitar, e felicitar a todos os membros da Fundação por esta importante iniciativa. A memória de todos aqueles que participaram nos duros combates de libertação do nosso continente deve ser lembrada sem cessar às jovens gerações, que estão longe de

imaginar os sacrifícios consentidos para que eles pudessem viver em liberdade. Ligar esta comemoração a uma reflexão sobre o nosso destino comum de africanos dá ao evento a dimensão que o integra nas circunstâncias actuais.

Nós não podemos limitar-nos a reclamar da situação na qual se encontra, actualmente, o nosso continente. Todos aqueles que lutaram pela liberdade de nossos povos e pela independência dos nossos países foram levados a pensar que com a liberdade adquirida e a dignidade reencontrada, a África haveria de romper com cinco séculos de dominação, exploração, humilhação, alienação e divisão, para melhor abordar, com determinação e na unidade, a imensa tarefa de reconstrução económica, social e política pela qual tantos homens e mulheres sacrificaram a sua própria vida.

O combate pela independência só teria sentido na medida em que a ruptura com a dominação colonial permitisse às nossas populações viver livre, em melhores condições, num mundo de solidariedade e mais fraterno. A solidariedade que foi sendo estabelecida durante a luta de libertação nacional e nos combates contra o apartheid, fez-nos esperar que as forças vivas de todos os países estariam mobilizadas para trabalhar juntas em prol do bem comum do continente.

Entretanto, hoje tudo se passa como se a África não tivesse um pensamento autónomo, uma visão do futuro correspondente às aspirações de sua população e às ambições dos seus combatentes da liberdade; como

se tudo que se faz no continente fosse ditado no exterior. Suas potencialidades humanas e materiais são enormes, mas são inexploradas, roubadas ou mal utilizadas. Os recursos de muitos países do continente têm sido pilhados, de várias maneiras, nomeadamente em favor dos conflitos internos que tornam precária a vida das populações e não fazem mais que alimentar os bolsos de todos os depredadores internos e externos.

Esses conflitos, que tornam estéreis tantas energias e recursos, impedem qualquer progresso verdadeiro na via da integração económica e política, sem o qual nenhum dos problemas cruciais do desenvolvimento pode ter soluções duráveis. Poderemos multiplicar a citação dos factos desastrosos em todos os domínios da vida política, económica e social do continente. Mas destacarei alguns, como a esterilização de todos os esforços pelos combates fratricidas sem futuro e sem outro objectivo que não seja colocar no poder indivíduos e grupos, a maior parte mais preocupados em seu enriquecimento pessoal que no bem-estar do povo. A isso podemos juntar a ausência de perspectiva na resolução do duro fardo da dívida externa, das injustiças do comércio internacional, a realidade do sistema financeiro mundial, a pauperização das classes médias, o empobrecimento, cada dia mais acentuado, de numerosas populações, a desestruturação do sistema educativo, a ausência de estruturas de pesquisa científicas e tecnológicas e, sobretudo, de pesquisa para o desenvolvimento, adaptadas às exigências de um desenvolvimento autónomo, a dependência alimentar em relação ao exterior, a destruição causada por certas doenças e, de maneira geral, os numerosos problemas de saúde agravados pela não produção, no continente, de medicamentos a baixo custo, o papel menor do continente, falta de visão colectiva, no seio dos organismos internacionais, a fragilidade das instâncias africanas de concertação internacional, como a União Africana, entre outras. Mas a África abriga em si capacidades que lhe permitem dar a volta a todos os problemas. Só que lhe falta, como no tempo da luta heróica, uma visão comum das acções a serem desenvolvidas para dar a volta ao curso das coisas. Também parece-me indispensável que aqueles que seguiram a evolução do continente, do período colonial aos nossos dias, e que não estão implicados directamente nas lutas pelo poder, possam confrontar as suas experiências com as jovens gerações e com aqueles que assumem hoje as responsabilidades, a fim de reflectir em comum sobre as orientações susceptíveis de dar um novo impulso à unidade e acção do continente em todos os domínios da vida nacional e internacional.

O respeito por vós capitalizado junto de todos aqueles que acompanham vosso itinerário político, a notoriedade de Amílcar Cabral e a seriedade e modéstia que qualificam vosso país permitem-me pensar que a Fundação a que preside e vós mesmo podem jogar um papel essencial na mobilização de energias com vista a uma reflexão aprofundada sobre o destino do nosso continente e sobre a acção que lhe permitirá sair dos impas-



GENS

ses actuais. De uma maneira mais geral, a reflexão deverá incidir, também, sobre a evolução do mundo e sobre os factores que podem colocar em risco a coexistência pacífica entre as nações e povos.

Nesta perspectiva, o papel de vossa nação não é pequeno, visto que a grandeza de um país não se mede pelo tamanho do seu território ou pelo número dos seus habitantes, nem mesmo pela capacidade económica ou militar, mas pela qualidade dos seus homens e mulheres, a sua sabedoria e capacidade em transcender as considerações subalternas e de se elevar àquilo que é essencial ao progresso e liberdade dos povos e à harmonia do mundo. Esteja seguro que, em qualquer caso, eu estarei sempre ao vosso lado e da Fundação Amílcar Cabral em todas as iniciativas que queiram desenvolver nesse sentido.

BASIL DAVIDSON, historiador Inglês



É um infortúnio para mim não poder estar com vocês para dividir esta memorável ocasião de celebração da vida do nosso amigo e camarada Amílcar Cabral.

Amílcar foi, penso eu, o maior pensador africano do seu tempo, cujo amor e jeito de ser abraça todos nós; um homem que defendeu e perseguiu os ideais pelos quais deu a vida, de quebrar a barreira do silêncio - e ligado ao seu tempo - para um futuro de liberdade para o seu país, nunca esmoreceu.

Para mim, pessoalmente, Amílcar foi um amigo querido e admirado com o qual eu tive o privilégio de dividir, como ele destacou, **“os mesmos barcos, as mesmas canoas, os mesmos trilhos; bebemos na mesma caçaça, comemos no mesmo prato, cruzámos rios sem conta, passámos pelo mesmo pântano, deitámos e erguemo-nos, fomos escoltados pelos mesmos combatentes. As mesmas formigas atacaram-nos, as mesmas bombas bombardearam-nos, os mesmos mosquitos sugaram nosso sangue. Sujámos as nossas roupas com a mesma terra, tão vermelha quanto o sangue dos nossos combatentes e dos soldados de Portugal”**. Sem ele o mundo tornou-se num lugar mais pobre.

Envio os meus desejos calorosos de sucessos para o Simpósio.

KOICHIRO MATSUURA - Director-Geral - Unesco

“Como tive ocasião de vos dizer, durante a visita oficial que fiz ao vosso país em 2003, é interesse da Unesco



co associar-se à Organização do Simpósio Amílcar Cabral, uma grande figura de África.

Vossa iniciativa de juntar eminentes homens políticos e académicos para reflectir sobre a problemática da integração regional e do desenvolvimento do continente africano inscreve-se perfeitamente no

quadro da missão da Unesco visando promover a cooperação intelectual entre as nações. Além do mais, partilho a vossa visão sobre o facto de que o pensamento de Amílcar Cabral é capaz de inspirar iniciativas inovadoras em matéria de pesquisa e transformações sociais e económicas de África na era da mundialização. M. Nouréini Tidjani-Serpos, sub-director encarregado do Departamento África, contactará a Delegação permanente de Cabo Verde na Unesco a fim de estudar as modalidades práticas de cooperação entre a Unesco e a Fundação Amílcar Cabral”.

ABDOU DIOUF, Secretário-geral da Agência da Francofonia



Antes de mais, gostaria de manifestar que partilho convosco a convicção de que as convulsões que ocorrem actualmente no mundo necessitam de reflexões profundas, capazes de fazerem emergir novas fontes de inspiração.

Por esta razão aceito, com gratidão e reconhecimento, a

distinção que me propõe, de integrar a Comissão de Honra do simpósio que a Organização Internacional da Francofonia não deixará de apoiar; os serviços da Agência Inter-governamental da Francofonia farão todos os contactos com os organizadores para a identificação do domínio de intervenção da nossa Organização.

Reitero a minha total adesão e o meu apoio a esta iniciativa

ALPHA OUMAR KONARÉ, Presidente da União Africana

Gostaria de endereçar as minhas sinceras felicitações por esta honrosa iniciativa que, estou certo, vai oferecer ao nosso continente uma plataforma, um espaço de debate prospectivo sobre o presente e o futuro de nossos povos face aos desafios do nosso mundo.

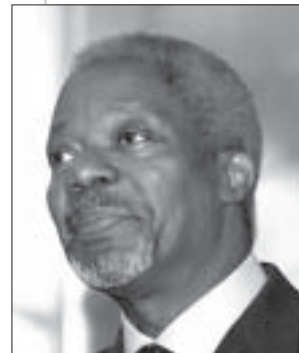
Assegurando-vos o meu total apoio e colaboração, gostaria de manifestar o quanto me sinto honrado pela proposta de fazer parte da Organização do Simpósio,



o que considero como um privilégio e, por isto, aceito com prazer fazer parte do grupo de personalidades membro da Comissão de Honra do Simpósio Internacional em Homenagem a Amílcar Cabral.

Reitero a minha total disponibilidade em trabalhar para o sucesso do Simpósio e do todo da obra da Fundação Amílcar Cabral.

KOFIA. ANNAN, Secretário-Geral da ONU



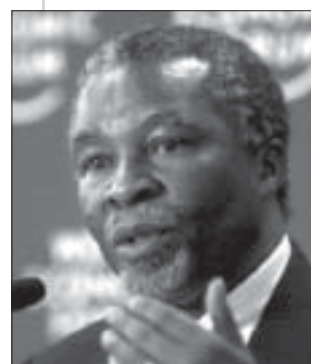
Felicito a Fundação Amílcar Cabral por esta iniciativa interessante. Entretanto, sinto informar que, tendo em conta a minha agenda particularmente carregada em Setembro e os preparativos da 59ª Sessão da Assembleia-Geral, não estou em condições de aceitar vosso amável convite.

Por isso o senhor Ahmedou Ould-Abdallah, meu Representante Especial para a África Ocidental, fica encarregado de me representar nesse evento.

Aproveito para vos apresentar todos os meus votos de sucesso para esse simpósio.

THABU M'BEKI,

Caro irmão, Pedro Pires



Felicito a iniciativa da Fundação Amílcar Cabral e os seus eminentes co-organizadores, o ex-presidente Aristides Pereira e Ana Maria Cabral por honrar a vida e a heróica luta do seu ex-camarada de armas e marido reflectindo sobre a relevância dos seus pensamentos tendo em conta os desafios actuais, mais de três décadas após a sua morte prematura.

Avaliando o vosso pedido de apoio para o sucesso da organização do simpósio, gostaria de propor que questões mais específicas a esse respeito sejam discutidas com a senhora Ana Maria Cabral durante a sua visita a África do Sul, para receber a Ordem dos Companheiros de Oliver Tambo, em homenagem póstuma do governo da África do Sul ao seu marido.



Cronologia

1924

A 12 DE SETEMBRO nasce, na Guiné então Portuguesa, Amílcar Cabral, filho de Juvenal Cabral (ex-seminarista e professor primário) e Iva Pinhel Évora (doméstica), ambos naturais de Cabo Verde.

1926/31

A 28 DE MAIO DE 1926 os militares fascistas tomam o poder em Portugal. A 1 de Junho de 1930, morre, aos 63 anos, na ilha Brava, o poeta, compositor e jornalista Eugénio Tavares, republicano e defensor da autonomia de Cabo Verde. Em 1931 surge, em São Vicente, o jornal Notícias de Cabo Verde, que se publica até à primeira metade dos anos 60. Recém-regressado de Portugal, onde se formara, Baltasar Lopes da Silva começa a destacar-se na sociedade mindelense proferindo palestras sobre a situação de Cabo Verde. É governador de Cabo Verde Manuel Firmino da Maia Magalhães.

1932

EM PORTUGAL, o professor de economia António Salazar é nomeado presidente do Conselho de Ministros. Criação em S. Vicente dos **Falcões Portugueses de Cabo Verde**. Juvenal Cabral regressa com a família para Cabo Verde.

1934

MAIS UM ANO de seca e grande penúria em Cabo Verde. A 4 de Junho os famintos em S. Vicente, liderados por Ambrósio Lopes, invadem os armazéns da Alfândega. Presso, Ambrósio é condenado e desterrado para Angola. Anos mais tarde o poeta Gabriel Mariano inspira-se no episódio do assalto para escrever o poema "**Capitão Ambrósio**".

1935/37

SURGE NO MERCADO, EM 1935, o primeiro livro do poeta Jorge Barbosa, "**Arquipélago**", e em Março de 1936 o primeiro número da revista Claridade, liderada por Baltasar Lopes da Silva. O livro de Barbosa e a revista, que devia ser jornal para chamar a atenção dos problemas sociais e políticos de Cabo Verde, marcam o surgimento da moderna literatura cabo-verdiana. A 23 de Abril de 1936, é criada a Colónia Penal do Tarrafal, da Ilha de Santiago, Cabo Verde. Em 1937, sob os cuidados da mãe, Amílcar Cabral entra para o liceu de São Vicente.

1939/43

EM ABRIL DE 1939 termina a Guerra Civil na Espanha. A Alemanha invade a Polónia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Em Março de 1941, o primeiro-ministro inglês, Wintson Churchill dispõe-se a ocupar militarmente Cabo Verde, além dos Açores e Canárias. Para dissuadir as potências da época dos seus intentos em relação a Cabo Verde, Portugal envia corpos expedicionários para o arquipélago. Entre eles consta o escritor Manuel Ferreira, autor anos mais tarde de "**Hora di Bai**" e "**Aventura crioula**". Os anos 40 vão ser brutais para Cabo Verde, que se vê a braços com uma das suas crises mais graves de sempre. Milhares de pessoas morrem à fome e, para escaparem, outros milhares emigram para São Tomé e Príncipe, Senegal, Guiné-Bissau e Angola. A 31 de Outubro de 1942 morre, na Praia, aos 52 anos, o poeta e jornalista Pedro Cardoso Monteiro.

1944/49

EM MARÇO DE 1944 surge, em São Vicente, a revista literária *Certeza*, da Academia Cultivar. Em Outubro, em Lisboa, é fundada a Casa dos Estudantes do Império. Em 1944, Amílcar Cabral termina o liceu com a nota de 17 valores. Em 1945 termina a Segunda Guerra Mundial; e surge a Organização das Nações Unidas; Amílcar Cabral é contemplado com uma bolsa de estudos para Portugal, onde passa a viver, tornando-se, em 1949, um dos dirigentes da CEL. A Índia forma-se independente em 1947. Em Junho de 1949 o major de infantaria Alves Roçadas é nomeado governador de Cabo Verde. No mesmo ano surge o Boletim de Cabo Verde.

COMBATENTE

Por: ANTÓNIO TOMÁS*



1 - OS ANTECEDENTES

A palavra Bafatá, de origem mandinga, é uma onomatopeia que reproduz o barulho das águas do afluente Colufi quando se encontram com as do rio Geba. Foi neste sítio, a poucos metros da casa em que nasceu Amílcar Cabral, de acordo com o pai deste, Juvenal Cabral, que se deu pelo menos um acontecimento de importância histórica, embora picaresco: nas margens destes rios a Fidalga de Fá - a "**negra de bafada, sedenta de civilização e doidamente apaixonada**" - entregou-se nos braços do cabo-verdiano José Valério. Os portugueses ficariam a ganhar com o desenlace desse caso amoroso, pois a guineense cederia todos os seus terrenos aos colonizadores. Nesta lenda, a intermediação feita pelo cabo-verdiano mostra bem o que valeu este povo na colonização da Guiné.

Juvenal Cabral, transferido como professor primário para Bafatá, nos primeiros anos da década de 20, foi habitar na freguesia de Nossa Senhora da Graça, na altura em que o pequeno povoado merecia algum desenvolvimento graças aos esforços do administrador Calvet de Magalhães. Devese à iniciativa desse "**velho colonial**" a construção de várias obras de fomento, pontes, o mercado central, uma fonte pública e alguns arruamentos. A zona em que morou Juvenal Cabral, à margem do rio Geba, e onde nasceu Amílcar Cabral, a 12 de Setembro de 1924, tinha sido beneficiada por estes melhoramentos.

Abandonada, em avançado estado de degradação, a casa em que Amílcar Cabral veio ao mundo ainda lá se encontra, no fim de uma estrada longa e alcatroada, feita para os camiões que percorriam a província para abastecerem os escassos postos comerciais. A desolação contrasta com a vida que deveria fervilhar numa moradia cuja composição familiar é difícil de determinar. Pelos vários quartos (quando não era comum o hábito de haver um para cada filho), a garagem, o poço, o quintal enorme, em que se plantavam legumes, tubérculos e se criavam animais, os anexos, pode concluir-se que Juvenal Cabral tinha uma extensa família para alimentar. Na altura em que Juvenal Cabral conheceu Iva Pinhel Évora era já pai de treze filhos. Na história privada da família, esses correspondem à primeira geração. Amílcar inauguraria a segunda.

A mãe de Amílcar Cabral, Iva Évora, nasceu em 1897, na ilha da Boavista, no seio de uma família com poucas posses e escassa instrução. Viviu com Juvenal, desde pouco antes de Amílcar nascer. No ano seguinte, 1925, mudaram-se todos para Geba, onde nasceram as duas gémeas, Arminda e

2 - Cabo Verde: a educa

Nos primeiros anos da década de 20 (na década em que nasceu Amílcar Cabral), Portugal atravessava um dos momentos mais conturbados da sua história política. As finanças públicas encontravam-se em estado caótico, a instabilidade governativa (a título de exemplo: só em 1920 e 1921 sucederam-se no poder 15 governos diferentes) impedia a implementação de qualquer medida de vulto e proliferavam partidos políticos. Esta conjuntura derivou na convicção, abertamente defendida por políticos importantes, de que só um regime ditatorial poderia arrancar o país da ruína e da estagnação, o que veio a acontecer a 28 de Maio de 1926, quando os militares tomaram o poder, sem derramamento de sangue. O gesto foi vivamente aclamado pela população.¹⁴

(...)

Amílcar Cabral tinha apenas seis anos, em 1930, quando Salazar afinava ainda os conceitos em matéria de colonialismo, pedra basilar da sua administração, sistema contra o qual lutaria durante grande parte da sua vida e que ainda lhe sobreviveria.

Em 1932, Juvenal Cabral regressou a Santiago com os filhos e Adelina Correia com quem casara muito pouco antes, tendo já um filho, Luís, nascido em 1931. A mãe de Amílcar, Iva Évora, ficaria na Guiné, juntando dinheiro para custear a passagem de regresso a Cabo Verde.¹⁵ Não seguira para Cabo Verde com os filhos, porque, segundo ela, tinha sido assaltada, perdendo todas as economias que fizera a gerir uma loja e uma pensão. Para arranjar dinheiro, dedicou-se a vários esquemas, como comprar porcos, engordá-los e, depois, matá-los e vender a carne.

Quando finalmente pôde partir, já o seu filho mais novo, António, tinha 4 anos de idade.¹⁶

Ao chegar a Cabo Verde, Iva constatou que o seu antigo companheiro não tinha prestado grande cuidado à educação dos filhos. Amílcar Cabral, que tinha 10 anos de idade, não andava na escola. Assim começaram as discussões, como escreve Pedro Martins: "**O que me ficaria na memória era que quando a D. Iva, mãe de Amílcar, ia visitá-lo, assim como aos outros filhos que viviam com o pai deles, eram criadas dificuldades imensas, e os meus avós tinham de interceder para que ela os pudesse ver. Geralmente era em casa dos meus avós que a D. Iva se encontrava com os seus filhos**".¹⁷ Entretanto, a gota de água que fez Iva levar consigo os filhos foi uma vez ter chegado e encontrado Amílcar magoado num dos olhos por